

A CIDADE CABENDO NUM LIVRO DE POEMAS

De manhã, a cidade acorda como quem abre um livro: orelhas amassadas, páginas que cheiram a pão quente. No balcão da padaria, entre o café pingado e a conversa sobre o tempo, vejo um livrinho fino, desses que entram no bolso do paletó e saem maiores do que entraram. Um livro de poemas sempre faz esse truque: ocupa pouco espaço e muito mundo.

Levo-o comigo pela calçada — o trânsito risca estrofes em vermelho e verde, e os ônibus, como versos longos, atravessam a página da avenida. Há um senhor sentado no banco da praça, com o jornal dobrado no colo; de vez em quando ele suspira como se declamassem para dentro. Ao lado, um menino aprende a ler as letras do letreiro da farmácia. Penso que Drummond entenderia: o cotidiano espalha flores improváveis nos cantos do asfalto, e a gente encontra a própria náusea e a própria esperança quando tropeça numa frase que não sabíamos que precisava existir.

Abro o livrinho no ponto de ônibus. A página me devolve um Nordeste inteiro: o mapa áspero de quem caminha contra o vento e a seca, e o milagre discretíssimo de uma água que chega. João Cabral ensinará ao leitor a ser carpinteiro do silêncio, a medir a madeira das palavras com régua e compasso. Cada sílaba, um tijolo. Cada pausa, uma sombra necessária.

Sigo. No semáforo, a cidade me oferece sua melhor crônica — um vendedor equilibra semáforos e malabarismos, um casal discute baixinho, um cachorro atravessa a rua com autoridade de quem conhece os segredos do bairro. Bandeira daria risada do improviso: há sempre uma notícia de jornal querendo virar poesia, um pneu furado que alivia a alma, uma lembrança da cidade de infância que se aproxima quando o cheiro de chuva chega antes da água.

No café, abro outra página. Cecília ensina que há música até no gesto de mexer o açúcar. Uma mulher ao lado fala ao telefone com doçura de cantiga; um rapaz sublinha um livro de Direito como quem desenha portos para não se perder. A vida tem essas correntes subterrâneas que Rilke chamaria de anjos — não como figuras de vitral, mas como intensidades que passam, assobiam e levam o coração para um lugar mais alto sem tirar os pés do chão.

A tarde afunila. Uma notícia no rádio abre a ferida antiga das nossas esperanças políticas. Lembro de um poeta exilado que escreveu um rio de lembranças para não desabar. Há poemas que são casas de emergência: a gente entra nelas, acende

uma lâmpada, respira; quando sai, o mundo continua o mesmo, mas a nossa coluna ficou mais ereta.

No caminho de volta, cruzo um cartaz de agência de viagens com um navio desenhado em pincel grosso. Fernando Pessoa piscaria um olho: todo país inventa para si uma lenda para suportar o peso do mar. E Whitman, que abraçava desconhecidos com o verso longo, me lembraria que a cidade é feita de corpos e vozes: democracia é também o rumor dos talheres no restaurante por quilo, a conversa do motorista com o cobrador, a senhora que guarda uma rosa no saco de compras.

Chego em casa no começo da noite. Na mesa, espalho as contas a pagar e o livrinho, como se ele pudesse interceder por mim junto aos números. Às vezes pode. T. S. Eliot passou por cidades desmanteladas e ainda assim achou, nas ruínas, um resto de música. Não é pouca coisa: saber que o caco reflete a luz inteira se a gente o vira no ângulo certo.

Enquanto preparamos o jantar, lembro do amor dito por Neruda — simples, direto, imenso, como quem encosta a cabeça no ombro e escuta o mar dentro de um copo. Talvez seja isso que os livros de poemas fazem com a cidade: aproximam as ondas. O ônibus que passa lá fora torna-se um verso; o barulho do prédio vizinho, um refrão; a solidão de quem mora no 302, uma carta que alguém finalmente vai ler.

Termino o dia com o livrinho aberto na cabeceira. Não sublinho nada: gosto que a página me surpreenda amanhã com outra respiração. A crônica que escrevi — esta, que agora acaba — veio toda dele, do livro que cabe no bolso e, no entanto, desencadeia mapas, ruas, amores, exílios, carpintarias, mares e anjos. A cidade coube num livro de poemas. E eu, que apenas caminhava, coube por um instante na cidade.